

KING MANUEL I – 1469-1521

Manuel I (Alcochete, 1 June 1469 – Lisbon, 13 December 1521), king of Portugal between 1495 and 1521, was the son of Ferdinand and Beatrice, Infantes of Portugal and Dukes of Viseu and Beja, the nephew of King Afonso V and the cousin of King João II, whom he succeeded. In his veins ran the blood of King João I, of Afonso, 1st Duke of Braganza, and of the Holy Constable Nuno Álvares Pereira.

He married three times, always with close relations of the monarchs of Castile and Aragon, kingdoms with which he sought to keep the peace. He fathered 13 children, including two future kings of Portugal, João III and Cardinal Henry, not to mention Isabella, the Germanic Holy Roman Empress and Queen of Castile and Aragon, and the cultured and extremely wealthy Maria of Portugal.

A prudent, discreet, astute, gentle, and merciful man, who was also known for being cheerful, jovial, and friendly, he loved luxury and magnificence. Hunting and boat trips along the river Tagus were among his favourite pastimes. He was also passionate about music and loved books, particularly on the subject of history. He stimulated an intense period of construction of civil and religious buildings and was the only Portuguese king to have his name linked to an architectural style, the Manueline.

During his reign, he oversaw the promulgation of the new Ordinances of the Kingdom, the reform of municipal charters, the start of what became known as *Leitura Nova*, the creation of the first *Misericórdias* (charitable institutions to help the poor), the expulsion of Jews and Moors, the increased prominence of Lisbon as the capital of Portugal and the creation of the position of Postmaster General of the Kingdom.

It was also the time of the great voyages of the Discoveries (particularly those of Vasco da Gama and Pedro Álvares Cabral) and the consolidation of the Portuguese Empire in the east, thanks to the efforts and commitment of Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque and others.

King Manuel I went down in history as *the Fortunate*. That was how his subjects referred to him. His chief chronicler, Damião de Góis, however, nicknamed him *Most Happy*. Fortunate and happy for various reasons. Firstly, because he came to a throne that was not initially in his destiny; secondly, because he was undoubtedly a happy man in terms of family; and finally, because he oversaw the birth of a vast empire that, for the first time in the history of humanity, spread across three continents.

He was somewhat less fortunate and happy with the fact that he was unable to bring to fruition an audacious project that had always been part of his agenda, and which was also rather quixotic: to entirely annihilate Islam and be crowned emperor of the East in Jerusalem.

Six centuries after his death, the spirit of King Manuel I, as well as enduring in the collective Portuguese consciousness – sometimes, and despite the best efforts of historians, not always entirely correctly –, still pervades the many works of Manueline art scattered throughout Portugal and the former Portuguese territories. And, lest we forget, the current Portuguese flag features his emblem, the armillary sphere.

Paulo Drumond Braga



Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / issue
2021/ 03 / 26

Selos / stamps
C0,53 – 100 000
C0,91 – 100 000

Bloco / souvenir sheet
Com 1 selo / with 1 stamp
C2,50 – 40 000

Design
Atelier B2 Design

Créditos / credits
Selos / stamps
C0,53 Pormenor da porta sul da Igreja do Mosteiro de Santa Maria de Belém (Jerónimos), João de Castilho, séc. XVI. Foto/photo: José Paulo Ruas/DGPC/ADF.
C0,91 Índia e oceano Índico no *Atlas Miller*, de Lopo Homem e Pedro e Jorge Reinel, 1519. Foto/photo: DEA/JEBULLOZ/Fotobanco.pt.

Bloco / souvenir sheet
Retrato do Rei D. Manuel I, óleo sobre tela, Miguel António do Amaral, séc. XVIII. Coleção/collection: Câmara Municipal da Moita.
Fundo/background: fólio iluminado «Dom Manuel» in *Leitura Nova*, Livro 1 de Além-Douro, 1521; PT/TT/LN/0001. Imagem cedida pelo / image courtesy of Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Sobrescrito / FDC
Brasão de armas e esfera armilar em fólio no Livro 3 das *Ordenações de D. Manuel*, 1514; PT/TT/LO/001-002/00017. Imagem cedida pelo / image courtesy of Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Tradução / translation
Kennis Translations

Agradecimentos / acknowledgements
Arquivo Nacional da Torre do Tombo
Câmara Municipal da Moita
Direção-Geral do Património Cultural / Arquivo de Documentação Fotográfica

Papel / paper – FSC 110 g/m²
Formato / size
Selos / stamps: 80 x 30,6 mm
Bloco / souvenir sheet: 95 x 125 mm
Picotagem / perforation
12^{1/2} x 12 e Cruz de Cristo / and Cross of Christ
Impressão / printing – offset
Impressor / printer – bpost Philately & Stamps Printing
Folhas / sheets – Com 20 ex. / with 20 copies

Sobrescritos de 1.º dia / FDC
C5 – C0,75
C6 – C0,56

Pagela / brochure
C0,85

Obliterações do 1.º dia em First-day Cancellations

Loja CTT Restauradores
Praça dos Restauradores, 58
1250-998 LISBOA

Loja CTT Município
Rua Gonçalo Cristóvão, n.º 136
4000-999 PORTO

Loja CTT Zarco
Av. Zarco
9000-069 FUNCHAL

Loja CTT Antero de Quental
Av. Antero de Quental
9500-160 PONTA DELGADA

Encomendas a / Orders to FILATELIA
Rua João Saraiva, 9
1700-248 LISBOA

Colecionadores / collectors
filatelia@ctt.pt
www.ctt.pt
www.facebook.com/Filateliactt

O produto final pode apresentar pequenas diferenças. Slightly differences may occur in the final product.

Design: MAD Activities
Impressão / printing: Futuro, Lda.



1469  1521
D. MANUEL I



D. Manuel I (Alcochete, 1 de junho de 1469 – Lisboa, 13 de dezembro de 1421), rei de Portugal entre 1495 e 1521, era filho de D. Fernando e de D. Beatriz, infantes de Portugal e duques de Viseu e de Beja, sobrinho de D. Afonso V e primo de D. João II, a quem acabaria por suceder. Corriam-lhe nas veias os sangue de D. João I, do 1.º duque de Bragança, D. Afonso, e do condestável Nuno Álvares Pereira.

Casou três vezes, sempre com parentes próximas de soberanos de Castela e Aragão, reinos com os quais procurou manter a paz. Foi pai de 13 filhos, entre os quais dois futuros reis de Portugal, D. João III e o cardeal D. Henrique, sem esquecer D. Isabel, imperatriz do Sacro Império Romano-Germânico e rainha de Castela e Aragão, e a culta e riquíssima infanta D. Maria.

Homem prudente, discreto, dissimulado, dócil e clemente, assim como alegre, jovial e afável, adorava o luxo e o fausto. A caça e os passeios de barco pelo Tejo eram alguns dos seus divertimentos preferidos. Por outro lado, era melômano e adorava livros, nomeadamente de história. Promoveu uma intensa campanha de construção de edifícios civis e religiosos, sendo o único rei de Portugal cujo nome se acha ligado a um estilo arquitetónico, o manuelino.

No seu reinado promulgaram-se novas Ordenações do Reino, reformaram-se os forais, iniciou-se a chamada Leitura Nova, criaram-se as primeiras Misericórdias, expulsaram-se os judeus e os mouros, acentuou-se o peso de Lisboa como capital de Portugal e nasceu a função de correio-mor do Reino.

Foi também o tempo das grandes viagens dos Descobrimentos (com relevo para as de Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral) e da construção do império português do oriente, devido aos esforços e ao empenho de D. Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque e outros.

D. Manuel I ficou na história como Venturoso. Assim lhe chamaram os povos. O seu principal cronista, Damião de Góis, crismou-o de Felicíssimo. Venturoso e felicíssimo por diversas razões. Em primeiro lugar, porque chegou a um trono que à partida não lhe estava destinado; depois, porque foi um homem seguramente feliz em termos familiares; finalmente, porque viu nascer um vasto império que pela primeira vez na história da humanidade se espalhou por três continentes. Menos venturoso e felicíssimo porque não conseguiu a concretização de um arrojadíssimo projeto que sempre fez parte da sua agenda, e que não deixava de ter o seu quê de utópico: aniquilar totalmente o Islão e ser coroado imperador do Oriente em Jerusalém.

Passados seis séculos sobre a data da sua morte, o espírito de D. Manuel I, além de sobreviver no consciente coletivo nacional – por vezes, e apesar do esforço dos historiadores, nem sempre da forma mais correta –, ainda paira nos muitos exemplares de arte manuelina espalhados por Portugal e pelo mundo que outrora foi português e, nunca o esqueçamos, na atual bandeira nacional, que ostenta aquela que foi a sua divisa, a esfera armilar.

